

ISSN 2595-5934



PERIODICIDADE
MENSAL

ABR EDIÇÃO
2026 N°96

IDIOMAS
PORTUGUÊS E INGLÊS

 **QUALIS B3**



CAPES

**JOGOS COOPERATIVOS COMO ESTRATÉGIA PSICOMOTORA NO CONTEXTO
DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**
**COOPERATIVE GAMES AS A PSYCHOMOTOR STRATEGY IN THE CONTEXT
OF SCHOOL PHYSICAL EDUCATION**

PEGORARO, Maria Aparecida da Silva¹

RESUMO

A psicomotricidade é uma ciência transdisciplinar fundamentada em uma visão holística do desenvolvimento humano, integrando de forma indissociável as dimensões cognitiva, motora e socioafetiva. No contexto escolar, o desenvolvimento psicomotor sólido atua como base fundamental para o processo de aprendizagem e para a prevenção de distúrbios motores e intelectuais. O presente estudo objetivou analisar, por meio de uma revisão bibliográfica qualitativa fundamentada em produções científicas recentes, a utilização dos jogos cooperativos como estratégia psicomotora na escola. A literatura analisada demonstra que a estrutura dos jogos cooperativos, baseada no "jogar com o outro" em vez de "contra o outro", oferece um ambiente seguro para o estímulo da coordenação motora, da lateralidade, do equilíbrio e do esquema corporal sem a pressão excludente da competição tradicional. Os resultados indicam que essa abordagem não apenas favorece o refinamento das habilidades físicas, mas também impacta positivamente na socialização e no controle emocional, reduzindo conflitos e promovendo a empatia e a solidariedade entre os discentes. Conclui-se que a integração dos jogos cooperativos como estratégia psicomotora transcende o movimento físico, configurando-se como um potente processo de humanização e ferramenta essencial para o desenvolvimento integral do aluno e seu sucesso acadêmico.

Palavras-chave: Psicomotricidade. Jogos Cooperativos. Educação Física Escolar. Aprendizagem. Socialização.

ABSTRACT

Psychomotricity is a transdisciplinary science grounded in a holistic view of human development, inseparably integrating cognitive, motor, and socio-affective dimensions. In the school context, solid psychomotor development acts as a fundamental basis for the learning process and for the prevention of motor and intellectual disorders. This study aimed to analyze, through a qualitative bibliographic review based on recent scientific productions, the use of cooperative games as a psychomotor strategy in schools. The analyzed literature demonstrates that the structure of cooperative games, based on "playing with" rather than "against" others, offers a safe environment for stimulating motor coordination, laterality, balance, and the body schema without the exclusionary pressure of traditional competition. The results indicate that this approach

¹Graduada em Administração Pública pela UENF - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Funcionária Pública em São João da Barra - RJ. E-mail: pegoraromari@gmail.com

not only favors the refinement of physical skills but also positively impacts socialization and emotional control, reducing conflicts and promoting empathy and solidarity among students. It is concluded that the integration of cooperative games as a psychomotor strategy transcends physical movement, serving as a powerful humanization process and an essential tool for the student's integral development and academic success.

Keywords: Psychomotricity. Cooperative Games. School Physical Education. Learning. Socialization.

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento integral da criança constitui um dos principais objetivos da educação básica, especialmente nos anos iniciais do ensino fundamental, fase em que ocorrem importantes avanços nas dimensões motora, cognitiva, afetiva e social. Nesse contexto, a Educação Física escolar assume papel relevante ao proporcionar experiências corporais que contribuem para a construção da consciência corporal, da autonomia e da interação social dos alunos. Entre as abordagens pedagógicas utilizadas nesse processo, a psicomotricidade destaca-se por compreender o movimento humano como resultado da integração entre pensamento, emoção e ação.

A psicomotricidade tem sido amplamente reconhecida como um elemento fundamental para o desenvolvimento infantil e para o processo de aprendizagem. Diversos estudos apontam que habilidades psicomotoras, como lateralidade, equilíbrio, coordenação motora e organização espaço-temporal, influenciam diretamente o desempenho acadêmico, especialmente em atividades relacionadas à leitura, escrita e raciocínio lógico. Dessa forma, o estímulo adequado dessas capacidades no ambiente escolar torna-se essencial para favorecer o desenvolvimento global da criança.

Nesse cenário, os jogos cooperativos apresentam-se como uma importante estratégia pedagógica no contexto da Educação Física escolar. Diferentemente dos jogos competitivos tradicionais, em que o foco está na superação do adversário, os jogos cooperativos valorizam a colaboração, a participação coletiva e a resolução conjunta de desafios. Essa abordagem promove não apenas o desenvolvimento das habilidades motoras, mas também fortalece aspectos socioemocionais, como empatia, respeito mútuo, solidariedade e capacidade de trabalhar em grupo.

Além disso, a utilização de jogos cooperativos pode contribuir para a criação de um ambiente educacional mais inclusivo e participativo, no qual todos os alunos tenham oportunidade de vivenciar experiências corporais significativas, independentemente de suas habilidades motoras. Dessa forma, essas práticas tornam-se ferramentas relevantes para estimular o aprendizado significativo, reduzir conflitos e favorecer a socialização no espaço escolar.

Diante desse contexto, este estudo tem como objetivo analisar a contribuição dos jogos cooperativos como estratégia psicomotora no ambiente escolar, destacando seu papel no desenvolvimento motor, na aprendizagem e na socialização dos alunos. A partir de uma revisão da literatura, busca-se compreender como a integração entre psicomotricidade e jogos cooperativos pode favorecer práticas pedagógicas mais inclusivas e contribuir para o desenvolvimento integral das crianças no contexto da Educação Física escolar.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa, com o objetivo de analisar a produção científica acerca dos jogos cooperativos como estratégia psicomotora no contexto escolar. A revisão bibliográfica possibilita identificar, analisar e discutir contribuições teóricas já publicadas sobre determinado tema, permitindo a construção de um referencial teórico consistente para a compreensão do objeto de estudo.

O levantamento das produções científicas foi realizado por meio do Portal de Periódicos da CAPES, base que reúne periódicos nacionais e internacionais de reconhecida relevância acadêmica nas diversas áreas do conhecimento. A escolha dessa base justifica-se pela amplitude do acervo disponível e pela qualidade das publicações indexadas, que incluem revistas científicas avaliadas por pares.

Para a busca das publicações, foram utilizados descritores relacionados ao tema da pesquisa, tais como: “jogos cooperativos”, “psicomotricidade”, “educação física escolar” e “desenvolvimento psicomotor”. Esses termos foram combinados por

meio de operadores booleanos (AND), com o intuito de ampliar e refinar os resultados encontrados. Contudo, quando relacionado psicomotricidade e jogos cooperativos e desenvolvimento psicomotor e jogos cooperativos não foi encontrado nenhuma publicação nacional.

Foram aplicados filtros específicos durante a busca, a fim de garantir maior rigor científico na seleção dos estudos. Entre os critérios utilizados destacam-se: artigos científicos publicados em periódicos revisados por pares, disponibilidade de acesso ao texto completo, publicações nos idiomas português, inglês ou espanhol, e recorte temporal correspondente aos últimos dez anos, visando contemplar produções recentes e relevantes para a temática investigada.

Após a realização das buscas, procedeu-se à leitura dos títulos e resumos dos trabalhos encontrados, com o objetivo de verificar a pertinência em relação ao tema da pesquisa. Em seguida, os estudos selecionados foram analisados integralmente, considerando-se sua contribuição para a compreensão da relação entre jogos cooperativos, desenvolvimento psicomotor e práticas pedagógicas na escola, especialmente no contexto da Educação Física escolar.

Os dados obtidos a partir da literatura foram organizados e analisados de forma descritiva e interpretativa, possibilitando a identificação de conceitos, abordagens teóricas e resultados de pesquisas relacionadas ao uso dos jogos cooperativos como estratégia pedagógica voltada ao desenvolvimento psicomotor dos estudantes.

3. PSICOMOTRICIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR

A psicomotricidade é compreendida como uma ciência de caráter transdisciplinar, fundamentada em uma visão holística do desenvolvimento humano. Essa perspectiva considera de forma integrada as dimensões cognitivas, socioemocionais, simbólicas e motoras, entendendo o sujeito como um ser que se constrói por meio da interação entre corpo, mente e contexto social.

Segundo Galvão (1995), a psicomotricidade tem como objeto de estudo o ser humano por meio do corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e

externo. Essa área está vinculada ao processo de maturação, no qual o corpo constitui a base das aquisições cognitivas, afetivas e orgânicas, sustentando-se em três elementos fundamentais: movimento, intelecto e cognição. Nessa mesma perspectiva, Aquino et al. (2012 apud NOGUEIRA; PEREIRA; MEDEIROS, 2021) destacam que a psicomotricidade investiga as possibilidades do indivíduo de perceber, agir e interagir com o outro, com os objetos e consigo mesmo.

Fonseca (2004 apud NOGUEIRA; PEREIRA; MEDEIROS, 2021) amplia esse entendimento ao definir a psicomotricidade a partir de três abordagens principais. A abordagem multicomponencial refere-se ao desenvolvimento psicomotor intrínseco e à significação mental da motricidade; a multiexperencial destaca a motricidade como mediadora das relações entre o mundo interno e externo; e a multicontextual compreende o desenvolvimento como resultado das interações do indivíduo nos diversos contextos sociais em que está inserido.

Para Rocha (2011 apud NOGUEIRA; PEREIRA; MEDEIROS, 2021), a psicomotricidade estuda a relação entre pensamento e ação, envolvendo também a dimensão emocional. Portanto, atividades corporais, como dança e práticas expressivas, favorecem a criatividade, a comunicação não verbal e a autonomia do indivíduo. Bueno (2014) complementa que essa área educa o movimento ao mesmo tempo em que mobiliza as funções da inteligência, constituindo-se como um instrumento por meio do qual a consciência se forma e se expressa.

No campo da Psicomotricidade Relacional, o conceito amplia-se para uma estratégia pedagógica baseada no brincar livre. De acordo com Negrine (1995 apud BERSCH; PISKE, 2020), essa abordagem promove a participação ativa por meio de atividades lúdicas e jogos simbólicos em um ambiente seguro, para que a criança expresse sentimentos, explore possibilidades e desenvolva sua autonomia. Vygotski (1984 apud BONELL, 1999, citado por LIMA et al., 2024), reforça essa ideia ao afirmar que a brincadeira constitui uma importante fonte de desenvolvimento, pois cria a zona de desenvolvimento iminente e possibilita a construção de intenções, imaginação e socialização.

Nesse contexto, a educação psicomotora assume papel fundamental no desenvolvimento infantil. Vayer (1986 apud SILVA et al., 2020), define a educação psicomotora como uma ação pedagógica e psicológica que utiliza os meios da Educação Física para melhorar ou ajustar o comportamento da criança.

Uma estrutura adequada de educação psicomotora é frequentemente apontada como base para o processo de aprendizagem escolar. Nesse sentido, Rochael (2009 apud RODRIGUES, 2021) observa que a ausência de experiências motoras significativas pode estar associada a dificuldades na leitura e na escrita.

Fonseca (1988 apud LIMA et al., 2024) também defende a inseparabilidade entre movimento e vida mental, afirmando que os processos de aprendizagem, como leitura e escrita, desenvolvem-se por meio da motricidade. O movimento, nessa perspectiva, representa a unidade bio-psicomotora em ação, constituindo-se como um instrumento essencial para a construção da consciência.

A dimensão emocional também está profundamente relacionada à motricidade. O tônus muscular, considerado um dos fundamentos da psicomotricidade, manifesta fisicamente estados afetivos e emocionais. Segundo Wallon (1966 apud GALVÃO, 1995), o tônus e a afetividade coexistem de forma recíproca em cada gesto, estabelecendo um “diálogo tônico-afetivo” que sustenta a comunicação e contribui para a formação da personalidade.

No contexto educativo, especialmente nas aulas de Educação Física, a estimulação psicomotora influencia diretamente o desenvolvimento motor, cognitivo e socioemocional dos estudantes. O desenvolvimento de habilidades como equilíbrio, coordenação e lateralidade fornece bases importantes para a aprendizagem acadêmica. Por outro lado, a ausência de experiências motoras adequadas pode estar associada a dificuldades de leitura, escrita e até a manifestações emocionais como ansiedade e insegurança, evidenciando que o corpo constitui um dos principais meios de expressão e construção do conhecimento.

4. JOGOS COOPERATIVOS NA EDUCAÇÃO

A definição de jogos cooperativos ultrapassa a dimensão da simples prática recreativa, configurando-se como uma proposta pedagógica voltada para a convivência humana. Em sua essência, esses jogos são caracterizados por uma estrutura na qual os participantes “jogam uns com os outros, ao invés de uns contra os outros” (DEACOVE, 1974 apud BROTTTO, 2002, p. 54). Diferentemente do modelo competitivo, em que o sucesso de um implica necessariamente o fracasso do outro, nos jogos cooperativos busca-se a superação de desafios comuns, de modo que o alcance da meta por um indivíduo depende e beneficia todo o grupo (DEUTSCH, 1949 apud BROTTTO, 2002, p. 26).

Nessa perspectiva, os jogos cooperativos são organizados de forma a direcionar os participantes para uma meta coletiva (ORLICK, 1989). Segundo Brotto (2002), o foco dessas atividades não está em “vencer” um adversário, mas no processo de “VenSer”, conceito que valoriza o indivíduo pelo que ele constrói coletivamente e não apenas por resultados.

Além disso, tais jogos podem ser compreendidos como uma espécie de “minissociedade” (ORLICK, 1989), capaz de influenciar comportamentos e valores. Paula e Pereira (2018) destacam que essa prática favorece o desenvolvimento de uma ética baseada na interdependência, na solidariedade e na confiança mútua. Rodrigues e Cassol (2022) acrescentam que essas atividades promovem integração igualitária e contribuem para o aprendizado da pluralidade em um contexto social marcado pelo individualismo.

Outro aspecto fundamental dos jogos cooperativos é seu caráter inclusivo. Soler (2011 apud SANTOS, SILVA, 2020) afirma que essas práticas libertam os participantes da pressão da eliminação e da necessidade de superar o outro por meio da agressividade.

Nesse sentido, Terry Orlick (1989) sistematiza os jogos cooperativos em quatro categorias principais: jogos cooperativos sem perdedores, nos quais todos formam um único grupo para superar um desafio; jogos de resultado coletivo, em que

diferentes equipes trabalham interdependentemente para alcançar um objetivo comum; jogos de inversão, nos quais os participantes trocam constantemente de equipe; e jogos semicooperativos, que mantêm equipes opostas, mas com regras que garantem participação equilibrada entre todos.

No ambiente escolar, essas atividades assumem papel relevante na formação social dos estudantes. Santos e Silva (2020) destacam que os jogos cooperativos constituem ferramentas pedagógicas importantes para combater o individualismo e estimular a ajuda mútua, evidenciando que os melhores resultados são alcançados por meio da colaboração.

A principal diferença entre jogos cooperativos e competitivos está na forma como os objetivos são estruturados e na relação estabelecida entre os participantes. No modelo competitivo, os objetivos são mutuamente exclusivos: para que um indivíduo ou equipe alcance seus objetivos, outros deixam de alcançá-los. Essa lógica estabelece a dinâmica do “ganha-perde”, na qual a vitória ocorre às custas do fracasso do outro.

Nos jogos cooperativos, por outro lado, os objetivos são compartilhados. O sucesso de um participante depende da colaboração do grupo e contribui para o êxito coletivo. Nesse contexto, prevalece a lógica do “ganha-ganha”, sintetizada por Brotto (2002) no conceito de “venSer” coletivo.

Em situações competitivas, participantes menos habilidosos podem ser excluídos ou assumir papéis passivos, o que pode comprometer a autoestima e aumentar o medo de errar (BROTTO, 2002; SANTOS, SILVA, 2020; RODRIGUES, CASSOL, 2022). Além disso, a motivação nos jogos competitivos frequentemente está associada a fatores extrínsecos, como prêmios ou reconhecimento de superioridade. Esse contexto pode estimular comportamentos agressivos ou excessivamente individualistas (BROTTO, 2002; SANTOS, SILVA, 2020; RODRIGUES, CASSOL, 2022). Nos jogos cooperativos, a motivação tende a ser intrínseca, baseada no prazer de participar, no sentimento de pertencimento e na busca pelo bem comum.

No contexto educacional, estratégias como jogos semicooperativos e jogos de inversão podem auxiliar na transição entre práticas competitivas e cooperativas

(BROTTO, 2002; SANTOS; SILVA, 2020; PAULA; PEREIRA, 2018). Nessas atividades, os participantes mudam de equipe ou assumem diferentes papéis ao longo do jogo, rompendo com a lógica de times fixos e incentivando a compreensão de que o sucesso coletivo não depende da derrota do outro.

Brotto (2002) descreve essas práticas como um verdadeiro “exercício de convivência”, no qual os participantes experimentam formas mais solidárias de interação. Nesse contexto, enquanto a competição exacerbada pode reforçar rivalidade e exclusão, as experiências cooperativas tendem a promover solidariedade, empatia e responsabilidade compartilhada.

Paula e Pereira (2018) destacam que, ao interagirem com regras e parceiros durante os jogos, os participantes desenvolvem processos de formação ética baseados na cooperação e no respeito mútuo. Essa dinâmica favorece o desenvolvimento de habilidades sociais importantes para a convivência em sociedade.

Santos e Silva (2020) afirmam que a participação coletiva fortalece a autoestima e o sentimento de pertencimento ao grupo, além de contribuir para o combate à intolerância e ao preconceito no ambiente escolar. Nesse sentido, Bartochak (2020) destaca que as práticas cooperativas também dialogam com os princípios da Educação em Direitos Humanos, pois incentivam o respeito às diferenças étnico-raciais, culturais e de gênero.

Por fim, a prática de jogos cooperativos estimula o diálogo, a escuta sensível e a confiança mútua entre os participantes. Melo, Lima e Oliveira (2020) observam que o envolvimento em desafios coletivos fortalece os vínculos entre os pares e favorece a resolução de conflitos de maneira empática. Rodrigues e Cassol (2022) reforçam que essa integração igualitária contribui para ampliar a motivação e fortalecer a convivência social em contextos educacionais frequentemente marcados pelo individualismo.

5. JOGOS COOPERATIVOS COMO ESTRATÉGIA PSICOMOTORA

A integração dos jogos cooperativos como estratégia psicomotora fundamenta-se na premissa de que o desenvolvimento humano ocorre de forma integral, articulando as dimensões motora, cognitiva e socioafetiva. Conforme descrito, os autores apontam que a psicomotricidade estuda a relação entre pensamento, emoção e ação.

A coordenação motora, subdividida em global (movimentos amplos) e fina (movimentos precisos), é um dos componentes centrais da psicomotricidade no ambiente escolar. Segundo Silva (2013 apud SILVA et al., 2020) uma estrutura psicomotora bem desenvolvida constitui base fundamental para a aprendizagem, sendo frequente a associação entre déficits psicomotores e dificuldades escolares.

No que se refere ao estímulo motor, Brotto (2002) destaca que os jogos cooperativos permitem o aprimoramento das habilidades de forma prazerosa e sem a pressão excludente da competição. Em modelos competitivos, os menos habilidosos tendem a ser excluídos; já na cooperação, todos participam por mais tempo, favorecendo o desenvolvimento das capacidades motoras. Martins et al. (2021) corroboram essa perspectiva ao afirmar que práticas psicomotoras estruturadas, incluindo jogos lúdicos e atividades de equilíbrio, contribuem para prevenir distúrbios de aprendizagem e favorecer a maturação da conduta motora.

A literatura também apresenta diferentes abordagens sobre a aplicação dessas práticas. Bersch e Piske (2020) e Lence e Selau (2023) destacam a psicomotricidade relacional, que utiliza o brincar e o jogo simbólico para estimular movimentos criados pela própria criança em interação com o grupo. Para esses autores, tais experiências promovem autonomia e estimulam tarefas motoras complexas, como saltar, girar e equilibrar-se.

Por outro lado, Nogueira, Pereira e Medeiros (2021) enfatizam que a psicomotricidade fornece bases motoras fundamentais, a lateralidade, a tonicidade e o equilíbrio, que facilitam o aprendizado de práticas específicas, como o ensino de lutas na escola. Comparativamente, enquanto Brotto (2002) destaca a mudança de

paradigma social do “contra” para o “com”, Costa et al. (2015) e Souza et al. (2014), mencionados por Martins (2021), enfatizam evidências quantitativas que demonstram melhorias em testes de coordenação dinâmica e organização espaço-temporal após programas estruturados de Educação Física.

Apesar das diferenças metodológicas, há consenso de que o sucesso acadêmico está relacionado ao bem-estar motor e emocional. Lima et al. (2024) e Santos e Silva (2020) afirmam que os jogos cooperativos reduzem conflitos, preconceitos e comportamentos agressivos, favorecendo um ambiente escolar mais propício à aprendizagem. Rodrigues e Cassol (2022) complementam que a cooperação promove maior interesse e integração entre os alunos, contrapondo-se ao individualismo predominante na sociedade contemporânea, aspectos essenciais para enfrentar desafios escolares de forma equilibrada.

5.1 DESENVOLVIMENTO DE LATERALIDADE, EQUILÍBRIO E ESQUEMA CORPORAL

O desenvolvimento da lateralidade, do equilíbrio e do esquema corporal constitui a base da psicomotricidade e é potencializado pela utilização de jogos cooperativos. Esses elementos estruturam a organização do corpo no espaço e influenciam diretamente o processo de aprendizagem.

Bueno (2014) define o esquema corporal como um componente essencial da formação da personalidade, refletindo o equilíbrio entre as funções psicomotoras e a maturidade do indivíduo. Enquanto o autor enfatiza a construção da corporeidade, Silva et al. (2020) destacam a lateralidade como fator importante para o aprimoramento das habilidades motoras e para a prevenção de dificuldades de aprendizagem, especialmente na escrita e no cálculo.

A relação entre esquema corporal e desempenho escolar também é evidenciada por Oliveira (2019), citado em Pereira et al. (2024), ao demonstrar que o trabalho psicomotor na primeira infância contribui para melhores resultados em disciplinas como Português e Matemática. Em contrapartida, Campos (2017 apud

PEREIRA, 2024) observa que intervenções lúdicas podem gerar avanços limitados quando a estimulação não ocorre de forma contínua e específica em crianças com atrasos mais severos.

O equilíbrio, por sua vez, é considerado por Bueno (2014) a base da coordenação dinâmica global, dependendo da integração dos sistemas labiríntico e plantar para a adequada distribuição do peso corporal. Lence e Selau (2023) aplicam essa perspectiva ao utilizar atividades circenses, como rola-rola e perna de pau, dentro da psicomotricidade relacional, observando que o desenvolvimento do equilíbrio também fortalece a autonomia e a confiança das crianças.

De maneira semelhante, Silva (2018 apud SOARES et al., 2021) associa o equilíbrio ao desenvolvimento da consciência corporal e à possibilidade de expressão motora por meio da dança. Enquanto Bueno (2014) enfatiza aspectos biológicos e neuropsicomotores, Bersch e Piske (2020) ressaltam que experiências relacionais estimulam movimentos como girar e equilibrar-se, contribuindo para a evolução do chamado “ser experiencial”. A integração desses elementos ocorre de forma privilegiada nos jogos cooperativos.

5.2 IMPACTO NO APRENDIZADO E NA SOCIALIZAÇÃO

A literatura evidencia uma convergência entre as abordagens da psicomotricidade funcional e relacional. Enquanto Silva et al. (2020) e Nogueira, Pereira e Medeiros (2021) enfatizam a eficácia dos exercícios no aprimoramento das valências motoras e no desempenho acadêmico, Bersch e Piske (2020) e Lence e Selau (2023) destacam o papel do brincar simbólico e cooperativo na ativação dos processos psíquicos e na construção significativa do aprendizado.

De forma geral, os autores concordam que o desenvolvimento da lateralidade, do equilíbrio e do esquema corporal está diretamente relacionado à socialização. Melo, Lima e Oliveira (2020) apontam que os jogos cooperativos favorecem o controle emocional e o autoconhecimento, elementos fundamentais para a organização motora e para a convivência social.

A dimensão emocional também se destaca como ponto de convergência. Melo, Lima e Oliveira (2020) afirmam que o controle das emoções e o autoconhecimento desenvolvidos por meio dos jogos cooperativos são essenciais para a resolução de conflitos e para a aprendizagem significativa. Bersch e Piske (2020) complementam que a psicomotricidade relacional estimula a imaginação e a expressão simbólica das crianças.

Por fim, Lima et al. (2024) concluem que a educação psicomotora constitui um processo de humanização, pois desenvolve a comunicação e o relacionamento interpessoal. Nesse sentido, como sintetiza Brotto (2002), jogar cooperativamente permite que o indivíduo deixe de se perceber isolado para reconhecer-se como parte de uma comunidade.

6. CONCLUSÃO

A conclusão deste estudo reforça que a utilização dos jogos cooperativos como estratégia psicomotora na escola transcende o simples movimento físico, configurando-se como uma ferramenta pedagógica essencial para o desenvolvimento integral do aluno nas dimensões motora, cognitiva e socioafetiva. A psicomotricidade, compreendida como a ciência que estuda a relação entre o pensamento, a emoção e a ação, encontra no ambiente lúdico e cooperativo o espaço ideal para que a criança construa sua autonomia e consciência corporal.

Ficou evidenciado que um desenvolvimento psicomotor sólido é a base fundamental para o sucesso acadêmico, especialmente nos anos iniciais do ensino fundamental. Autores como Silva (2020) e Martins et al. (2021) ressaltam que deficiências em parâmetros como lateralidade, equilíbrio e coordenação motora estão diretamente ligadas a dificuldades na leitura, escrita e no cálculo. Nesse sentido, os jogos cooperativos oferecem estímulos motores variados que permitem o aprimoramento dessas valências de forma prazerosa e sem a pressão excludente do fracasso, garantindo que todos os alunos, independentemente de suas habilidades técnicas, participem ativamente do processo de aprendizagem.

No que tange à socialização, a transição do paradigma da competição para o da cooperação promove o que Brotto (2002) denomina como o "Encontro", transformando adversários em parceiros solidários. A discussão aponta que, enquanto a competição exacerbada pode gerar estresse, agressividade e exclusão dos menos habilidosos, a estratégia cooperativa estimula o interesse, a integração igualitária e o respeito mútuo. Resultados práticos indicam que a introdução desses jogos no cotidiano escolar é capaz de reduzir significativamente casos de intolerância, preconceito e violência física.

A educação psicomotora, portanto, deve ser vista como um processo de humanização que permite ao indivíduo perceber a importância da comunicação e do relacionamento interpessoal. Para que essa estratégia seja efetiva, é imprescindível que os professores de Educação Física e os gestores escolares recebam formação adequada, apropriando-se da psicomotricidade como ferramenta para mediar conflitos e promover o autoconhecimento dos alunos.

Em suma, ao integrar jogos cooperativos e psicomotricidade, a escola deixa de focar apenas no desempenho técnico para formar cidadãos mais conscientes, críticos e capazes de viver em sociedade de forma equilibrada. Recomenda-se que as práticas pedagógicas priorizem a ludicidade e a reciprocidade, garantindo que o aprendizado ocorra através de vivências ricas que estimulem o "saber ser" e o "saber conviver".

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTOCHAK, Ântony Vinícius. Educação em Direitos Humanos nas aulas do Pibid de Educação Física FEEVALE/RS. FIEP Bulletin, v. 90, n. esp., 2020.

BERSCH, Ângela Adriane Schmidt; PISKE, Eliane Lima. Psicomotricidade relacional: estratégia de intervenção pedagógica na educação. Itinerarius Reflectionis, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 1-18, abr. 2020

BROTTO, Fábio Otuzi. Jogos Cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência. 2. ed. Santos: Projeto Cooperação, 2002.

BUENO, Jocian Machado. *Psicomotricidade [livro eletrônico]: teoria e prática da escola à aquática*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

GALVÃO, I. *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Petrópolis: Vozes, 1995.

LENCE, Luís Fernando Lacerda; SELAU, Bento. Atividades circenses na escola por meio da psicomotricidade relacional. *Obutchénie: R. de Didat. e Psic. Pedag.*, v. 7, n. 3, 2023.

LIMA, Rafael Santos et al. Educação psicomotora: uma contribuição integrativa para o trabalho pedagógico. *Revista Foco, Curitiba (PR)*, v. 17, n. 5, e5080, p. 1-13, 2024.

MARTINS, Henrique Marques et al. Educação Física escolar no desenvolvimento da psicomotricidade. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 8, e59310817982, 2021.

MELO, Karlianne Costa; LIMA, Luana Caetano de Medeiros; OLIVEIRA, Antônio Ricardo Catunda de. Educação física escolar: tecendo uma aprendizagem significativa sobre as emoções por meio dos jogos cooperativos. *FIEP Bulletin*, v. 90, Special Edition, Article I, 2020.

NOGUEIRA, Victor Lailson dos Santos; PEREIRA, Carlos Alexandre Holanda; MEDEIROS, Jarles Lopes de. As contribuições da psicomotricidade para o ensino de lutas na escola. *Revista Cocar, Belém*, v. 15, n. 32, p. 1-16, 2021.

ORLICK, Terry. *Vencendo a competição*. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

PAULA, Fábio Narduchi de; PEREIRA, Alexandre de Jesus. Jogos cooperativos, corpo e educação física escolar. *FIEP Bulletin*, v. 88, Special Edition, Article I, 2018.

PEREIRA, Cynara Cristina Domingues Alves et al. Associação entre educação física escolar e a cognição de alunos no ensino infantil. *Revista PPC – Políticas Públicas e Cidades, Curitiba*, v. 13, n. 2, p. 1-16, 2024.

RODRIGUES, Alessandra Zanini da Silva; CASSOL, Claudionei Vicente. O jogo na educação física escolar como possibilidade de aprendizado para as vivências humanas. *Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen*, v. 23, n. 1, p. 95-105, jan./abr. 2022.

RODRIGUES, Karin Débora. *Psicomotricidade na Educação*. Rev. Pemo, Fortaleza, v. 3, n. 3, e335566, 2021.

SANTOS, Paulo Roberto Barbosa dos; SILVA, Alexsandro Santos da. A importância dos jogos cooperativos no ambiente escolar. REVES - Revista Relações Sociais, v. 3, n. 3, p. 251-261, 2020.

SILVA, T. da et al. Psicomotricidade na formação acadêmica de professores de educação física. Id on Line Rev. Mult. Psic., v. 14, n. 50, p. 411-420, 2020.

SOARES, Raphael Almeida Silva et al. Dança, psicomotricidade e educação infantil: revisão de literatura e considerações para uma educação física escolar significativa. Research, Society and Development, v. 10, n. 12, e530101220718, 2021.